

**A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NA AGRICULTURA FAMILIAR A PARTIR DA AGRICULTURA ECOLÓGICA: O CASO DA AGAECO EM TURVO-PR.**

Darildo de Ramos Tilpe<sup>1</sup>  
Julian Perez Cassarino<sup>2</sup>  
Roberto Martins de Souza<sup>3</sup>

**RESUMO**

A Associação dos Grupos de Agricultores Ecológicos do Turvo - AGAECO, é uma entidade popular composta por grupos de agricultores ecologistas, que se propõe ao desenvolvimento sustentável tendo por público a agricultura familiar e, por princípios a agricultura ecológica e o método pastoral popular de assessoria.

Neste artigo, a AGAECO apresenta sua experiência de construção da autonomia dos agricultores tendo por motivação o estilo popular de agricultura ecológica na formação de grupos de agricultores ecologistas animados pela mística popular. Para avaliar o processo desencadeado pelos grupos de agricultores envolvidos foram considerados alguns indicadores relativos a autonomia e autodeterminação que caracterizam seu grau de sustentabilidade comparado a uma condição ideal.

Nesse sentido, essa experiência nos faz refletir sobre como a agricultura ecológica não deve somente apontar para uma nova forma de produção e comercialização técnico-mercantil, diferentemente, sua preocupação deve ser a construção de uma nova organização social e econômica, onde os critérios da autonomia, da ética e do desenvolvimento humano ocupem o eixo central das ações de desenvolvimento.

**Palavras-Chave:** Agricultura ecológica; autonomia e sustentabilidade.

THE AUTONOMY CONSTRUCTION AT THE FAMILY AGRICULTURE FROM THE ECOLOGICAL AGRICULTURE: THE CASE OF **AGAECO** IN TURVO-PR.

**ABSTRACT**

The Turvo Ecological Farmers Groups Association – **AGAECO**, is a popular entity composed by groups of ecologist farmers, that set them out to the self-development and

---

<sup>1</sup> Agricultor Ecologista, coordenador da AGAECO. Comunidade Saudade Santa Anita, CEP: 84.500-000 TURVO-PR.

<sup>2</sup> Engenheiro Florestal, Articulador da Rede ECOVIDA no RS, Mestrando em Desenvolvimento Sustentável e Agroecologia pela Universidade Internacional de Andaluzia, Espanha. Fone: 054.313.3611

<sup>3</sup> Engenheiro Florestal, Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Rural Sustentável – UFSM. Assessor do Instituto EQUIPE de Educadores Populares, IRATI – PR Fone: 042. 422. 5619 / 422. 7350.

its target is the family agriculture, and as principles the ecological agriculture and the popular ministering advisory.

At this article, the **AGAECO** presents its experience in the autonomy construction of the farmers motivating the popular style of ecological agriculture at the formation of ecologist farmers guided by the popular belief. To assess the resulted process by the farmer groups involved, some indicators related to autonomy and self-determination that characterize its support degree compared to an ideal condition were considered.

Moreover, this experience leads us to think about how the ecological agriculture shouldn't only point out to a new production and trade technical-mercantile form, however, its attention must be the construction of a new social and economical organization, where the autonomy, ethics and human development criteria take up the development action main idea.

**Word-Keys:** Ecological Agriculture; autonomy; self-supporting.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo apresenta a experiência desenvolvida pela AGAECO na construção da autonomia no ambiente da agricultura familiar, bem como na sua estratégia básica para se pensar a sustentabilidade sócioambiental<sup>4</sup> através da visão e prática popular da agricultura ecológica e do método pastoral popular de assessoria.

A motivação fundamental que levou os agricultores ecologistas a repensar sua trajetória e redefini-la dentro de parâmetros sustentáveis foi certamente a crise gerada a partir do modelo tecnológico convencional na agricultura. Seus impactos configuraram as motivações ecológicas e sócio-culturais que mobilizaram os agentes populares, sejam eles de pastorais e/ou ONGs, a questionarem sua presença devastadora nas comunidades rurais, construindo a partir da crítica um projeto de desenvolvimento humano pautado em princípios éticos e valores comunitários.

Ao falarmos em autonomia durante o transcorrer do texto, estaremos nos referindo a uma das principais características presentes na vida dos agricultores ecologistas envolvidos com o trabalho da AGAECO, principalmente no que diz respeito a utopia ou um projeto a ser conquistado durante a sua vida. Em primeiro lugar, dois atributos são os mais valorizados por esses agricultores: a autodeterminação e a autonomia. Em segundo

---

<sup>4</sup> A perspectiva sócioambiental a que nos referimos faz parte ou está ligada as aspirações dos movimentos sociais populares (MST, FETRAF, MPA, CPT, PJR, ANMTR, MAB, CRABI,...) e tem na agricultura ecológica e no método pastoral popular estratégias de animação – motivação para a construção social no espaço dos pequenos.

lugar, para o seu projeto de vida, esses agricultores planejam suas ações em grupos de agricultura ecológica organizados em suas comunidades, onde trocam experiências, insumos e retomam o ideal comunitário da comunhão e da partilha, posteriormente, planejam uma propriedade diversificada, uma organização da produção que explora a gestão equilibrada dos recursos naturais, mas ao mesmo tempo técnica e economicamente eficiente visando atender os interesses do bem estar da família e dos consumidores, bem como da construção da identidade da agricultura familiar.

Alguns indicadores sócioambientais relativos a autonomia e autodeterminação comparados e analisados junto à AGAECO nos levam a perceber a presença, ainda por se definir, do resgate da autonomia camponesa, assim como do caráter político avançado que assume a autonomia quando projeta proposições relativas a afirmação social da agricultura familiar e a contribuição da organização em análise para os movimentos populares.

O avanço na organização popular comprometido com a questão sócioambiental apresentado pela atuação da AGAECO na região Centro do Paraná abre perspectivas para se repensar o método de assessoria e organização propostos até então aos movimentos sociais no campo.

### ***CAMPONESES E AGRICULTORES ECOLOGISTAS: O SENTIDO É A BUSCA DA AUTONOMIA***

A princípio, quando nos referimos a agricultura camponesa tradicional estamos nos alicerçando no que ABRAMOVAY (1992: 108) citando SHANIN (1973) definiu em dois elementos básicos da especificidade desta forma social: A cultura tradicional e o modo de vida de pequenas comunidades rurais.

Sobre esta definição, é possível entender, que a agricultura ecológica familiar resgata a racionalidade expressa nas formas de uma agricultura camponesa, uma vez que o modo de vida camponês se funda sobre a relação propriedade, trabalho e família funcionando em um ambiente social delimitado pela comunidade rural no qual a economia camponesa opera a partir de seus próprios meios e distante da lógica do mercado capitalista.

Desta maneira, WANDERLEY (1996: 2) ao citar as particularidades que especificam a agricultura camponesa, como sendo: “os *objetivos da atividade econômica*;

às experiências de sociabilidade e à forma de sua inserção na sociedade global está delimitando uma forma social que não desaparece por completo com o surgimento da sociedade moderna, mas de maneira diferenciada, perde espaço para novas formas sociais da agricultura, que se definem em distintos objetivos e racionalidades: modernista ou sócioambientalista, sendo esta última, entretanto, mantenedora dos traços de seu localismo cultural e social,

*“É bem verdade que a agricultura assume atualmente uma racionalidade moderna, o agricultor se profissionaliza, o mundo rural perde seus contornos de sociedade parcial e se integra plenamente à sociedade nacional. No entanto, parece-me importante sublinhar ... que estes “novos personagens”, ou pelo menos uma parte significativa desta categoria social, quando comparados aos camponeses ou outros tipos tradicionais, são também, ao mesmo tempo, o resultado de uma continuidade” (WANDERLEY, 1996: 6).*

Da mesma forma que se reconhece que a agricultura camponesa tradicional se reproduz no interior das sociedades capitalistas modernas, como uma pequena produção mercantil, pode-se afirmar o fato de que nesta mesma sociedade multiplicam-se outras formas de agricultura camponesa organizadas em torno do estilo de uma agricultura ecológica oriunda nos movimentos populares. São aquelas em que, sob o impacto das transformações de caráter mais geral – modernização da agricultura, centralidade do mercado, industrialização difusa, mais recentemente, globalização da economia, etc.-reagem, mobilizando-se em torno da lógica humanista do desenvolvimento, caracterizada tecnicamente, pela modernização de processos através de tecnologias sustentáveis ambientalmente que em muito resgatam e valorizam o conhecimento local, no aspecto sócio-econômico relacionam-se com a sociedade disponibilizando seus alimentos e produtos, mas não usam como critério de comercialização o lucro, e sim, a segurança alimentar e a qualidade nutricional, marca da solidariedade com a população excluída.

A construção desta nova racionalidade não elimina a lógica camponesa de reprodução social, antes, pode-se afirmar, que a imita, na medida que rejeita e supera a lógica capitalista responsável pelo desmantelamento do ambiente social da agricultura camponesa, caracterizada sobretudo por sua autonomia.

Ao falarmos em autonomia nos referimos a uma das principais características de uma “condição camponesa”, e que continua presente na vida dos agricultores, principalmente em termos de uma “utopia” ou um projeto a ser conquistado durante uma vida.

BRANDENBURG ao pesquisar agricultores familiares da Região Centro do Paraná atendidos por uma Organização Não-Governamental que atua na área de desenvolvimento rural encontra elementos definidores da condição de autonomia que se expressam na seguinte perspectiva:

*“...segundo os agricultores, significa ter margem de manobra em relação ao uso do tempo, de decidir o que fazer em determinados momentos. A autonomia da qual se trata, refere-se ao que nem tudo é determinado exteriormente, mas que existe um controle interno, sobre a produção, sobre a organização do trabalho, sobre os processos de decisão”(BRANDENBURG, 1998:129).*

Para ALMEIDA, que analisou as razões da busca da autonomia camponesa no Sul do Brasil, esse fenômeno é uma espécie de reivindicação-aspiração que se constrói no plano específico da produção (ALMEIDA, 1999: 148). E que de certa forma, representa um espaço de autonomia na sociedade moderna. Conclui, afirmando que este é ... *“um espaço limitado e aparentemente em não-expansão, mas talvez um pouco mais confortável que outros, mesmo que não constitua uma via maior de evolução para a economia e a sociedade.”(1999: 149).*

As razões que nos levam a verificar a perda da sua autonomia durante sua trajetória de camponês autônomo até a condição de agricultor familiar na atualidade, se explicam através dos processos de heteronomização<sup>5</sup> da vida social e as crises relativas a esses processos. Segundo ALMEIDA,

*“Um tal processo de heteronomização da atividade agrícola familiar; especialmente aquela de pequeno porte, provocou a exploração dos mecanismos tradicionais que articulavam os diferentes componentes do trabalho camponês, isso em benefício de novos modelos de coerência exteriores à atividade agrícola, e, em consequência, escapando em muito, do controle do agricultor. Seja de forma individual ou coletiva, o agricultor viu reduzida sua capacidade de harmonizar os fatores de sua produção”(1999:148).*

Vê-se então, que o conhecimento mais profundo sobre as condições colocadas na experiência da agricultura ecológica em estudo, nos revela em suas formas os traços característicos presentes nas sociedades camponesas descritos por MENDRAS e citados

---

<sup>5</sup> O conceito de heteronomização se traduz na agricultura camponesa, segundo Ivan Illich citado por Almeida, pela perda de sua capacidade de auto-regulação. ALMEIDA, J. – A Construção Social de uma Nova Agricultura. POA, UFRGS, 1999 p 147.

por WANDERLEY como... *a relativa autonomia face à sociedade global; a importância estrutural dos grupos domésticos; um sistema econômico de autarcia relativa; uma sociedade de interconhecimentos e a função decisiva dos mediadores entre a sociedade local e a sociedade global* (1996:2). Traços estes que vão se transformando na perspectiva da agricultura ecológica através de estratégias de reprodução adotadas frente as necessidades internas e intervenções externas.

### **A TRAJETÓRIA DA AGAECO: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E AUTONOMIA**

A AGAECO é uma associação fundada por grupos de agricultores ecologistas do município de Turvo, Região Centro do Estado do Paraná. Apesar de sua fundação ser recente, realizada durante a 2ª Feira da Comunhão e da Partilha<sup>6</sup> no dia 11 de agosto de 2001, os 6 (seis) grupos que compõe a associação já trabalham em rede de interação/cooperação em expansão há quase 2 anos. São eles: o Grupo de Agricultores Ecológicos Saudade Santa Anita – GAESSA, o Grupo de Agricultores Ecologistas Verde Vale do Ivaí – GAEVVI, o Grupo de Agricultura Ecológica Terra Pura – GAETEPU, o Grupo de Agricultores Ecológicos Querência Antiga da Manhã – GAEQAM, o Grupo de Agricultores Ecológicos Terra Viva – GAETEVI e o Grupo de Agricultores Ecológicos VERDELÂNDIA. Ao todo participam desses grupos 32 famílias de agricultores ecologistas, o que equivale a aproximadamente 90 pessoas envolvidas.

A origem da AGAECO está ligada ao trabalho de organização e agroecologia desenvolvido por dois técnicos ligados a uma ONG local na formação de grupos de agricultores ecologistas via método pastoral de assessoria. Com a saída desses técnicos da região<sup>7</sup> os grupos encaminharam a formação da AGAECO visando dar continuidade ao trabalho, uma vez que as entidades locais de assessoria não compreendiam a lógica de autogestão e autodeterminação dos grupos de agricultores ecologistas tanto no campo técnico como no político. Neste momento foi de fundamental importância a presença da CPT na motivação aos grupos. Conjuntamente, a presença do Projeto Terra Solidária, no qual alguns alunos eram membros dos grupos, possibilitou um ganho técnico e político para a formação da organização. Recentemente, a AGAECO buscou parceria com o Instituto EQUIPE de Educadores Populares – IEEP, localizado em Irati – PR (distante 150

---

<sup>6</sup> A Feira da Comunhão e da Partilha é um evento organizado pelos grupos ligados a AGAECO, que tem como finalidade celebrar a organização popular e a biodiversidade gerada a partir dos grupos ecológicos. Este ano será realizada em início de dezembro a sua 3ª edição.

km) com o objetivo de assessorar de forma complementar sua diretoria no desenvolvimento das ações.

No plano da produção ecológica os grupos que compõe a AGAECO tem realidades distintas no que se refere à sistemas de produção, dependendo da sua localização no município, cada comunidade desenvolve um tipo específico de atividade.

Desta forma, a diversidade de experiências e espécies manejadas é muito grande. Dentre elas podemos destacar: Produção de hortaliças ecológicas de inverno e verão; Produção de sementes de Adubação verde de inverno e de verão; Cultivo mínimo e Plantio direto sem herbicida (milho e feijão); Produção de leite à base de pasto em sistema de rodízio; Uso de fitoterapia para animais; Produção e beneficiamento de plantas medicinais; Bioenergia (terapia popular); Criação de suínos ecológicos ao ar livre; Produção de erva-mate em agrofloresta; Resgate de variedades de sementes crioulas diversas.

A partir dos grupos de agricultores ecologistas, são elaboradas diversas iniciativas comunitárias, como campos de produção de sementes, produção conjunta de super-magro, biogeo, adubo da independência e outros insumos utilizados na produção ecológica.

Hoje, boa parte das famílias já estão produzindo quase que completamente de forma ecológica, sendo que todos planejam realizar a conversão em pouco tempo. Os grupos, como já foi citado, realizam também assessoria solidária a outros grupos do município e da região que estão sendo formados o que demonstra uma aceitação da proposta a partir do método agricultor para agricultor .

Neste período, os grupos tiveram várias conquistas. Nas avaliações realizadas durante as reuniões mensais da AGAECO, o que se considera como principal avanço segundo os agricultores ecologistas é a autonomia política conquistada à revelia das entidades locais, isto é, depois de fundada a organização foi gestada tanto na parte administrativa como técnica pelos próprios grupos que eventualmente negociam parcerias – termo que fazem questão de ressaltar visando afirmar-se politicamente – com entidades que compreendem a proposta da autodeterminação. Posteriormente, os grupos consideram como avanço significativo a organização da produção e independência relativa à produção de alimentos, a partir de trabalho com a agricultura ecológica, “sepultando” de vez, o mito da produtividade e da eficiência social e econômica da agricultura convencional.

Entre os planos da AGAECO, desenham-se ainda para este ano a organização de um processo de comercialização solidária junto ao movimentos de moradores da periferia (favelas, vilas, sem-teto) com baixa renda na cidade de Guarapuava (150.000 habitantes). Para tanto, vários passos necessitam ser marcados, e alguns já foram realizados como: reuniões com a Pastoral Operária, com lideranças comunitárias e o envolvimento com a

---

<sup>7</sup> houve um rompimento interno na ONG que distanciou filosoficamente, politicamente, ideologicamente e tecnicamente a proposta da construção da autonomia na AGAECO, impossibilitando o diálogo entre as entidades.

Rede Ecovida de Agroecologia objetivando o fortalecimento de sua identidade por meio da aproximação do ambiente de organizações populares que desejam construir uma proposta de agricultura ecológica pautada nos princípios da economia popular solidária.

A intenção que move a AGAECO em sua atividade econômica não se reduz unicamente ao estabelecimento de relações comerciais de compra e venda de produtos. As motivações principais debatidas pelos agricultores ecologistas são: primeiro, o estabelecimento de uma lógica de comercialização dirigida por princípios éticos e valores humanistas; posteriormente, a idealização da utopia na formulação de um projeto popular de desenvolvimento, no qual, partindo de uma organização social dos pequenos no rural avance para o meio urbano interagindo e transformando o espaço social.

### ***METODOLOGIA DA ASSESSORIA DA AGAECO***

Para realizar seu trabalho de assessoria técnica e organização popular a AGAECO em conjunto com o Instituto EQUIPE, CPT e PJR fundamenta sua metodologia em uma prática que revela uma profunda coerência e respeito a cultura e a religiosidade dos agricultores. A mística como instrumento metodológico de reflexão pastoral popular (teologia da libertação, que une fé e vida, palavra e ação) em torno da questão sócioambiental, projeta princípios éticos e valores humanos centrais da prática cristã, como a fraternidade, a comunhão, a solidariedade e, sobretudo, a partilha, impulsionando agricultores, grupos e comunidades a refletirem sobre suas circunstâncias e as possibilidades de transformação, partindo de um movimento próprio e sustentável internamente.

O método perpassa a utopia e a mística que tem no povo pobre e sofrido o próprio e autêntico sujeito de sua libertação, partindo sempre da realidade concreta, respeitando a caminhada do povo sem queimar etapas, caminhar com o povo, ser presença que anima, dá coragem, não deixar morrer a esperança. Por este motivo, costuma-se dizer que não é trabalho de assessoria, e sim missão, missão pastoral, aquela feita com compromisso e cuidado, onde o ser humano, assim como a natureza são colocados no centro do projeto de desenvolvimento.

Baseado neste método, a AGAECO constituiu uma equipe de assessoria realizada por um grupo de 05 alunos egressos do Projeto Terra Solidária, todos agricultores com experiência de participação em grupos de agricultura ecológica e em metodologia pastoral



popular, fortalecido pela presença da Pastoral da Juventude Rural e as escolas bíblicas de formação pastoral.

Na prática a metodologia se realiza junto aos grupos de agricultores ecologistas através dos seguintes momentos:

### ***Animação e formação de grupos***

Para que o trabalho agroecológico tenha sentido ele deve ser realizado em grupo de no mínimo 3 agricultores. Esta condição se coloca para que se pratique a fraternidade e partilha do conhecimento de maneira concreta. Lembramos que a agricultura ecológica não se resume a um conjunto de técnicas, mas sim a um processo que envolve as famílias numa relação fraterna e solidária entre si, com a comunidade e com o ambiente onde vivem. Neste sentido à mística que é aquilo que nos faz ver o mistério presente no fundo das coisas, o que nos dá ânimo para ver de maneira diferente a nossa realidade nos ajuda a assumir animadamente (com a alma) a nossa militância.

### ***Experimentação***

Apesar de existirem inúmeros trabalhos tratando de agroecologia, especialmente de técnicas agroecológicas, devido às características regionais, esses têm-se mostrado insuficientes. Faz-se necessário, então, a adaptação de tecnologias, bem como o desenvolvimento de novas técnicas, atendendo às demandas concretas dos agricultores. Para tanto, é importante experimentar, testar, ter curiosidade, pois só assim encontraremos a melhor maneira de produzir ecologicamente. Isso pode levar semanas, meses ou até anos, até descobrirmos a sementeira mais adaptada, equilibrarmos a nossa terra, manejarmos os adubos verdes ... Neste momento a gente percebe que tudo que fazemos é pesquisa, é conhecimento produzido, é saber que pode ser partilhado para avançarmos sobre as dúvidas.

### ***Assessoria à grupos (agricultor como agente, militante e educador)***

O apoio do assessor (agente de pastoral local) e de agricultores promotores é importante para promovermos o avanço dos grupos, pelo menos no período inicial através de reuniões mensais até o grupo se sentir seguro e à vontade no chão da agricultura ecológica. Mais tarde, a assessoria deve se afastar lentamente para que o grupo, a partir de sua experiência, se movimente com autonomia, isto é, ande com as próprias pernas e

multiplique a proposta para outros agricultores, sempre lembrando quando Jesus fala no capítulo 25 de Mateus (31-45) ...

*“eu tive fome e me destes de comer, eu tive sede e me destes de beber.... Muitos chegarão perto de Deus e dirão: “Senhor, mas eu nem fé tinha!” e Jesus responderá: “A cada vez que fizestes a um desses pequeninos, a mim o fizestes”.*

### ***Economia Popular Solidária***

A experiência tem mostrado que os grupos de agricultura ecológica avançam mais no momento em que começam os processos de comercialização, dado que, atualmente, esse é um dos principais dilemas dos pequenos agricultores e agricultoras. Constata-se que, desde o momento em que as feiras ecológicas e pontos de venda começam a funcionar, muitos grupos de agricultores ecológicos consolidam sua organização e animam a formação de novos grupos a partir da lógica da economia popular solidária. Entretanto é importante estabelecer parcerias com movimentos populares urbanos, e estabelecer uma nova lógica econômica em que o resultado econômico não é apenas um fim em si mesmo, mas um meio de melhorar a qualidade de vida através do alimento sadio e nutritivo oferecido a toda população, principalmente aos excluídos socialmente. Em vez da produção de alimentos custosa e cara para poucos que podem pagar, produzir alimentos para quem mais precisa a um custo baixo e fornecê-lo diretamente às famílias.

### ***INDICADORES DA AUTONOMIA POLÍTICA NA AGRICULTURA ECOLÓGICA - AGAECO***

Nesta seção vamos fazer uma tentativa de propor uma série de indicadores levando em consideração dois atributos<sup>8</sup>: a autonomia e a autodeterminação. Por meio deles se poderia medir o grau de opção à perspectiva da construção da autonomia que possui o estilo de agricultura ecológica desenvolvido pela Associação. Como os indicadores incidem sobre a visão e a prática apresentada por uma forma de organização, estes representam o caso empírico dos grupos que compõe a AGAECO que em última análise define a si própria.

Assim, a intenção deste ensaio é a de apresentar medidas qualitativas, onde se possa comparar a direção das atitudes e políticas de organizações (populares, públicas ou privadas) que atuam no ambiente da agricultura. Por certo, as medidas qualitativas

---

<sup>8</sup> Nossa preocupação neste artigo é avaliar o grau de autonomia da organização (AGAECO), portanto os indicadores relativos a sustentabilidade ecológica e econômica não serão objeto de análise neste momento.

poderiam levar a medidas quantitativas, onde seria possível ganhar em precisão, porém a construção das medidas físicas não será objeto do presente trabalho.

O método utilizado para propor as escalas onde a AGAECO se enquadra, teve como critério as ações e intenções da organização que foram avaliadas pela sua diretoria, com a presença dos assessores do IEEP.

**QUADRO 01 - Escala de indicadores de sustentabilidade sócioambiental relativos a AUTONOMIA, segundo CANUTO, 1998. (As escalas onde a AGAECO se enquadra estão marcadas com sombreamento):**

INDICADORES	ESCALA			
	0 próximo a insustentável	1 Pouco sustentável	2 Boa sustentabilidade	3 Sustentabilidade próx. a plena
<b>Autonomia: Considera principalmente em suas dimensões econômica, social e técnica, representa o fortalecimento da unidade produtiva e independência relativa ao ambiente externo no sentido de obter, manter ou incrementar a capacidade de reprodução social.</b>				
1. Biodiversidade: segurança alimentar	Muito pobre em recursos genéticos: monocultura	Pobre em recursos genéticos: até cinco cultivos	Bom potencial de recursos genéticos	Garantia de segurança alimentar: diversidade e qualidade
2. Espécies manejadas: mudança estratégica	Número muito baixo: incapacidade de mudança	Número baixo: pouca capacidade de mudança	Número médio: razoável capacidade de mudança	Número alto: boa capacidade de mudança
3. Conhecimento tradicional e tecnologia: adaptação	Desconsiderado a adaptação da tecnologia com conhec. tradicional	Recorre-se muito pouco; baixa capacidade de adaptação	Bom grau de adaptação da tecnologia e conhec. Tradicional	Estratégias concretas de recuperação do conhecimento tradicional
4. Insumos: dependência externa	Insumos externos e industriais; dependência externa muito alta	Predomina uso de insumos industriais com recursos locais	Predomina uso de recursos locais; pequena dependência externa	Insumos locais são base do sistema; sistema próximo a autonomia
5. Solidariedade	Nenhuma expressão; individualismo	Pouco presente; participa atividade comunitárias	Presença importante; muito ações comunitárias propositivas	Formas comunitárias de vida, trabalho e trocas; interação e cooperação das ações
6. Alternativa de mercados	Não busca construções alternativas; dependência de mercados oligopolizados e integradas	Comercialização direta individualizada; lógica do lucro (exportação)	Organiza de forma cooperada venda de produtos ecológicos utilizando lógica do lucro	Economia popular solidária; relação com movimentos populares, interação, cooperação, rede de trocas, feiras, sacolões,...
7. Informação técnica: forma de acesso e reprodução	Depende exclusivamente de informação técnica exterior, não reproduz	Conhece informações ecológicas, resiste a aplicá-la.	Experimenta técnicas, mas não reproduz na comunidade	Experimenta e divulga na comunidade e região o conhecimento produzido; acessa várias fontes
8. Mão-de-obra	Externa, assalariada	Familiar, quase insignificante	Familiar, pequena parte assalariada	Familiar
9. Autofinanciamento	Nulo	Pouco significativo	Significativo	Representa quase totalidade

**Fonte: CANUTO, 1998. Modificações dos autores.**

**QUADRO 02 - Escala de indicadores de sustentabilidade sócioambiental relativos a AUTODETERMINAÇÃO, segundo CANUTO, 1998. (As escalas onde a AGAECO se enquadra estão marcadas com sombreamento):**

INDICADORES	ESCALA			
	0 próximo a insustentável	1 Pouco sustentável	2 Boa sustentabilidade	3 Sustentabilidade próx. a plena
<b>Autodeterminação: desenvolvimento político dos agricultores; capacidade de negociação com o estado, as instituições e forças políticas relevantes.</b>				
10. Identidade cultural	Não há preocupação	Pouca preocupação	Existem ações reais de fortalecimento	Participam com estratégias concretas
11. Negociações com o exterior	Capacidade próxima à nula	Baixa capacidade	Boa capacidade de negociação	Ótima interação, capacidade de negociação
12. Filiação a movimentos e organizações	Filiação exclusiva a organizações tecnológicas-mercantis	Relaciona-se parcialmente com organizações tecnológicas-mercantis	Relação próxima com movimentos sócioambientais	Conexão direta e participação com movimentos sócioambientais
13. Ideologia sócioambiental	Perspectiva do crescimento e do lucro imediato	Predomina a perspectiva do lucro	Bom grau de consciência sócioambiental	Perspectiva sócioambiental internalizada

**Fonte: CANUTO, 1998. Modificações dos autores.**

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE OS INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE**

Apresentamos no quadro anterior uma proposta somente para dois atributos da sustentabilidade, explicando brevemente seu sentido e sugerindo indicadores derivados deles. Um indicador pode ser interpretado ora pelo prisma econômico, ora pelo técnico, ora pelo político, mas o esforço aqui constitui-se em definir a dimensão predominante do indicador para encaixá-lo nos atributos propostos. Muitas vezes, um indicador tem várias dimensões fortes para a determinação da sustentabilidade causando dúvidas sobre qual tipo de atributo ele estaria representando: econômico, ambiental ou político (é o caso do indicador sobre Insumos: dependência externa, pode se enquadrar em qualquer um dos três).

O exercício gerado através da experiência da AGAECO relacionada a proposta de análise de indicadores de sustentabilidade sócioambiental, não se restringe unicamente a este tipo e forma de organização, ela nos permite visualizar a direção dada na busca da autonomia desde uma unidade de produção até a orientação de uma organização ou política pública. A partir da avaliação e enquadramento do objeto em estudo, pode-se observar seus limites e potenciais na direção da sustentabilidade sócioambiental.

No caso da AGAECO, a mesma demonstra limitações, apesar de ocupar a escala 2 (boa sustentabilidade) nos indicadores de Biodiversidade, espécies manejadas, insumos dependência externa, solidariedade, identidade cultural, negociações com o exterior, filiação a movimentos e organizações e ideologia sócioambiental. Na síntese ou na prática, a análise desses pontos colabora com a visualização sobre a situação da

organização em estudo, apontando para a necessidade de redirecionar suas ações, afim de avançar no rumo da escala 3, que significaria um estágio pleno ou muito próximo da sustentabilidade sócioambiental desejada no que se refere a autonomia e autodeterminação da forma de organização estudada.

Interessante ressaltar que os indicadores são ótimos balizadores para debates internos das organizações relativos a utopia a ser alcançada durante sua prática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Avaliar a autonomia de uma proposta de desenvolvimento não é tarefa simples. O presente ensaio faz um primeiro esforço nesta direção quando estuda o caso da AGAECO. Entretanto, é necessário refinar esta proposta a fim de fundamentá-la teoricamente com mais precisão e selecionar os indicadores, bem como suas escalas, a partir de outras experiências para melhor caracterizá-las e defini-las.

Ainda que a aplicação mais imediata dos indicadores tenha sido feita para distinguir os estilos de agricultura alternativa adotadas pelas organizações, sejam elas populares ou não, e para que direção ou modelo acabamos por construir, nos interessa, tendo por consenso e referência estes (ou outros) indicadores, incrementar o debate sobre os diferentes estilos em atividade orientados por distintas filosofias e métodos que buscam construir um projeto de desenvolvimento rural sustentável na agricultura familiar.

O estilo em análise – Agricultura Ecológica Familiar– apresentado pela experiência de organização popular da AGAECO possui especificidades locais que explicam sua visão e sua prática, portanto, com certeza tem a intenção de servir unicamente como uma contribuição gerada por uma dinâmica local que busca ser autônoma e endógena.

Essa dinâmica não teve origem em processos de heteronomização, visto que são constituídos a partir de uma lógica interna que valoriza as características da racionalidade camponesa, com a qual se identifica. Não havendo portanto uma completa ruptura no rol das especificidades que caracterizam a agricultura camponesa, e que esta resiste atualmente na sociedade moderna, na condição de agricultor ecologista familiar, independente de sua situação sócio-econômica, seu projeto de vida continua a ser a busca da autonomia que se observa nas múltiplas estratégias que elabora ou adota para firmar-se, sobretudo, na condição de “camponês-moderno”<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Termo utilizado por Brandenburg (1998) para definir o projeto de vida do camponês na sociedade moderna. BRANDENBURG, A. – Agricultura e Desenvolvimento Sustentável. SOBER 1998.

Diferente da proposição única e objetiva da visão técnico-mercantil, que em sua maioria das vezes oriunda da visão de agricultura orgânica, permite apenas a opção da mudança tecnológica ou a substituição de insumos, sem antes ocasionar em sua prática um pensar, agir e gerar as condições necessárias para a construção de um projeto de desenvolvimento autônomo e endógeno de base popular para a agricultura familiar.

Neste sentido, a dinâmica de organização que constitui a AGAECO, potencializa a sua condição camponesa motivando o fortalecimento de sua identidade na construção de um projeto de desenvolvimento sustentável local orientado por processos autônomos.

### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. S. Paulo: HUCITEC, ANPOCS, UNICAMP, 1992. 275 p.

ALMEIDA, J. A. **A construção social de uma nova Agricultura**. Porto Alegre, 1999. Editora da UFRGS, 214p.

\_\_\_\_\_, **A busca da autonomia na agricultura: estratégias, limites e possibilidades**. IN: Cadernos de Sociologia nº 6, 1994. Porto Alegre. Editora da UFRGS.

BRANDENBURG, A. **Agricultura Familiar, ONGs e desenvolvimento sustentável**. Curitiba. Editora da UFPR, 1999.

\_\_\_\_\_, **Colonos: subserviência e autonomia**. In: Para pensar outra agricultura. Editora da UFPR, 1998. Curitiba, PR.

CANUTO, J.C. – **Agricultura Ecológica e Sustentabilidade SócioAmbiental**. In Revista Extensão Rural. Ano V – 1998. DEAER/CPGER – UFSM.

SOUZA, R. M. – **Agricultura Ecológica: visão e prática da CPT-PR**. Cartilha de assessoria 2002. não publicada.

WANDERLEY, M. N. Baudel. **A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil**. In: DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE: A reconstrução da ruralidade e a relação sociedade/ natureza. Nº 2 Editora da UFPR. Curitiba, PR. 2000.

\_\_\_\_\_, **Trajetória social e projeto de autonomia: os produtores familiares de algodão da região de Campinas, SP**. Cadernos IFCH UNICAMP, 1989.

\_\_\_\_\_, **Raízes Históricas do Camponato Brasileiro**. XX Encontro anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 1996.

\_\_\_\_\_, **A Agricultura Familiar no Brasil; Um espaço em construção**. In: Revista da Associação brasileira de Reforma Agrária – ABRA, volume 25, 1995.

